

Janelas expressivas na Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação: Cláudia Simas, artes visuais, lesionados múltiplos, abismos e rosas

Fernando Pinheiro Villar
Programa de Pós-Graduação em Arte - UnB
Professor Adjunto. Ph.D. University of London
Autor, encenador, diretor e professor

Deleuze e Guattari (1991) equiparam arte, filosofia e ciência em um mesmo patamar de importância, complementaridade e interdependência para tentar decifrar o caos humano. Segundo Ana Mae Barbosa, em *Interterritorialidade*, organizado por ela e Lilian Amaral, “vivemos a era ‘inter’. Estamos vivendo um tempo em que a atenção está voltada para a internet, a interculturalidade, a interdisciplinaridade e a integração das artes e dos meios como modos de produção e significação desafiadores de limites, fronteiras e territórios” (2008, 23). Em um dos artigos de *Interterritorialidade*, a artista plástica, professora e pesquisadora Cláudia Gunzburger Simas¹ sintetiza sua dissertação de Mestrado em Arte na UnB (2004), em que investiga a utilização da linguagem das artes plásticas para o progressivo desenvolvimento da capacidade comunicativa em Eliot, 49 anos, que desenvolve uma afasia após um acidente cardíaco-vascular. Este artigo propõe-se a uma pincelada básica, a ser desenvolvida em futuro artigo, sobre o trabalho de Simas na Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, sobre abismos e rosas.

A Rede Sarah inicia-se como modesta unidade de atendimento pediátrico em Brasília em 1960 e hoje funciona em oito capitais brasileiras. Uma das maiores redes de reabilitação neurológica e ortopédica do mundo, o Sarah (como é popularmente conhecido) realizou em 2008 uma média diária de 6.398 atendimentos a pacientes e um total de mais de 1.612.323 atendimentos, sempre totalmente gratuitos.² Referência internacional em reabilitação e pesquisas em neurociências, a Rede Sarah consegue manter um grau ímpar de excelência – e contraste com a trágica situação da rede pública de saúde do Brasil. Com a Lei no. 8.246, sancionada em 1991 após tensos debates no Congresso, o Sarah garantiu um modelo único de administração médico-hospitalar que prima por princípios éticos totalmente diversos da perversidade à que médicos, enfermeiros e pacientes são submetidos na rede hospitalar pública e privada deste país. Os princípios são expostos no sítio www.sarah.br e em plotagens nas paredes dos impressionantes edifícios pré-moldados de João Filgueiras Lima (Lelé) e equipes de arquitetos. Sua concepção arquitetônica, seus ambientes espaçosos e ventilados otimizam a excelência do Sarah de forma crucial. Tal

¹ Graduou-se em Educação Artística/Artes Plásticas na Faculdade Dulcina de Moraes (1986). Atualmente concluiu o Doutorado na UnB, orientada por nossa colega de GT, Bia Medeiros.

² Dados disponíveis em www.sarah.br, acesso em 07/07/2010.

otimização e ambientação são concluídas com os painéis, murais, cercas vazadas e obras de Athos Bulcão, espalhados por toda a Rede.

A Lei 8.246/91 garante recursos exclusivos do Orçamento Geral da União, com orçamento-programa realizado pela direção da Rede Sarah e aprovado pelo Ministério da Saúde, mas não se submetendo aos parâmetros do Sistema Único de Saúde (SUS), que podem promover a tal perversidade mencionada. A lei foi proposta pelo cirurgião Dr. Aloysio Campos da Paz Júnior,³ que assumiu a Presidência da Fundação das Pioneiras Sociais e a direção do Centro Sarah Kubitschek em 1968, função que exerce até hoje, ladeado pela Dra. Lúcia Willadino Braga.⁴ No final da década de 1970, Braga já realizava pesquisas em musicoterapia com crianças com lesão cerebral. Ao observar o trabalho daquela jovem flautista tocando para seus pacientes, o Dr. Campos da Paz (trompetista aficionado, com CD *Para você dançar* lançado em 2008) iniciou diálogo com Braga. Hoje, a interdisciplinaridade resultante irradia-se e orienta uma equipe de médicos, enfermeiros, pedagogas, psicólogas, fisioterapeutas, nutricionistas, fonoaudiólogas, *designers* e professores de Educação Física e Artes Visuais. Tal interdisciplinaridade busca uma reabilitação que, segundo Campos da Paz em “Dicotomia”, publicado no sítio da Rede, “avalia o doente pelo que lhe restou, pelo seu potencial, por onde há espaço para investir”, resgatando origens da Medicina e indo contra os dogmas de uma “sociedade consumista, altamente preconceituosa, que busca parâmetros de perfeição dissociados da realidade, esquecendo que é a diversidade que caracteriza a natureza e o homem. E a incapacidade é uma forma particular de diversidade.”

Parte da rede na Rede, a experiência de Simas com arte vem dos primeiros anos da infância, em uma ampla sala na Aliança Francesa de Brasília. O espaço das aulas de sua mãe, a arte-educadora Renée Gunzburger Simas⁵, era um universo fantástico de descobertas, viagens criativas e crescimento estético. Trabalhando com o ensino de artes plásticas em todos os graus de ensino desde 1980, Cláudia Simas relembra que, vinte anos depois, transpor sua “prática de oficina de artes visuais para um hospital de reabilitação que atende pessoas com lesões múltiplas era uma tarefa assustadora e, ao mesmo tempo, desafiadora” (2008, 136-7). Hoje são dez anos de um cotidiano diário em promover a reabilitação ortopédica e/ou neurológica, com o infinito de possibilidades poéticas da linguagem das artes visuais. Simas tem participado do treinamento de novos colegas e da

³ Graduado em Medicina na UFRJ (1960), especializações em ortopedia e reabilitação em Oxford e University of London (1962-63) e Doutorado em Ortopedia Infantil na UFMG (1976).

⁴ Sempre investigando crianças e lesões cerebrais, concluiu graduação em Música na UnB (198X), Mestrado em Educação na UnB (1983), Doutorado em Psicologia na UnB (1994) e Pós-Doutorado no Hôpital de la Pitié-Salpêtrière em Paris (1995).

⁵ Pioneira no ensino das artes plásticas em Brasília, desde 1960. Cassada pela ditadura, Renée Simas manteve a Escola de Artes na Aliança Francesa por 23 anos e foi fundadora da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Dirigiu a Casa da América Latina (UnB) antes de aposentar-se. Honra a Licenciatura em Artes Visuais da UAB/UnB, como tutora à distância e novamente pioneira. Ao lado de Antonio Damásio, Oliver Sacks, Rudolf Arnheim, Lev Vigotsky, Fayga Ostrower, Nise da Silveira e Alexander Luria, entre outros, Simas é parte crucial do apoio conceitual e contextual ao desenvolvimento das investigações da filha e ex-aluna Cláudia.

progressiva implantação do trabalho de artes plásticas na reabilitação nas outras unidades da Rede. Incluindo novas tecnologias digitais de informação e comunicação de forma decisiva, Simas tem agora o apoio da colega Thais Paranhos⁶ e novas aprendizagens em treinamento para a equipe de professores de artes visuais, mantendo no Sarah Lago Norte, Brasília, uma ampla sala com computadores e equipamentos digitais, permanentemente utilizados por pacientes com diferentes patologias.

Sua dissertação é emocionantemente contundente em dividir o seu processo de investigação para o resgate da comunicação e expressão do/para o paciente afásico Eliot. Com afasia global, o paciente “fica incapacitado de expressar ou compreender a linguagem verbal”, sem entender o que é dito, sem conseguir ler uma única letra, incapaz de pronunciar palavras (SIMAS, 2008, p. 140). Durante o processo de aulas, houve um progressivo desenvolvimento das capacidades expressivas e comunicativas de Eliot, cujas obras com diferentes técnicas das artes plásticas ilustram a dissertação de Simas. Tais obras proporcionaram a ele alternativas para colocar-se, para recuperar uma fala sem palavras faladas e reabilitar suas relações com o mundo. Desde o primeiro desenho de observação proposto em uma primeira aula, Eliot continuou a ampliação de sua habilidade estética e sua comunicação e reinserção no mundo. Após a alta médica no mesmo ano de sua internação em 2000, Eliot hoje tem produzido trabalhos impressionantes, segundo Simas em entrevista ao autor, a partir dos ícones de diferentes programas computacionais que Eliot maneja com facilidade.⁷ Na mesma entrevista Simas aponta que a partir da mediação digital e a otimização possível das partes funcionais dos pacientes, “a tecnologia abre estes corpos.”

Continuando suas pesquisas no atual doutorado na UnB, Simas investiga as transformações de sua oficina nestes dez anos e muito especialmente a utilização da arte digital em processos de reabilitação com diferentes patologias. Não só uma inovação em reabilitação, mas também uma inovação no ensino das artes visuais, a arte digital e tecnologias eletrônicas têm impulsionado Simas em novas frentes, incluindo aulas e reabilitação *on line*, com seus atuais pacientes e/ou antigos alunos mantendo *blogs* e desenvolvendo animações com o programa *Flash*, entre outros resultados e técnicas. São pessoas se inserindo no mundo, ultrapassando impossibilidades funcionais e reconquistando autonomias.

Simas conclui sua dissertação postulando que em sua atuação, vem “tentando buscar [...] a valorização da capacidade humana para superar obstáculos e a importância que pode ter a arte no processo de reabilitação” (2004, 10). Estes objetivos expressados por ela, me parecem plenamente conquistados dentro do trabalho interdisciplinar da Rede

⁶ Graduada em Artes Plásticas pela UEMG (1998) e Educação Artística pela Universidade de Barra Mansa (RJ, 2002). Pós-graduada em Filosofia pela PUC (RJ, 2006).

⁷ Entrevista não publicada com o autor, Brasília, 17/10/2010.

Sarah, significando histórias de readaptação e superação, transpondo abismos aparentemente invencíveis e gerando desabrochares de novas chances. A Rede Sarah e o trabalho de Simas, ou os Doutores da Alegria ou os trabalhos de teatro em prisões, chamam atenção para a aplicabilidade das linguagens artísticas em contextos e processos que valorizam a vida e o respeito à diferença. Muito além dos palcos, salas de concertos e galerias, dos preconceitos e da falta de afeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae e AMARAL, Lilian (orgs.), *Interritorialidades: mídias, contextos e educação* (São Paulo: Editora SENAC e Edições SESC SP, 2008).

BARBOSA, Ana Mae, "Interterritorialidade na Arte/Educação e na Arte", in BARBOSA e AMARAL (2008), pp. 23-44.

CAMPOS DA PAZ JR., Aloysio, "Dicotomia", www.sarah.br/prevenção/audiovisual, acessado em 07 de julho de 2010.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix, *O que é a filosofia?*, trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz (São Paulo: Editora 34, 1991).

SIMAS, Cláudia Gunzburger, "Janelas expressivas. O desenvolvimento da capacidade comunicativa em um indivíduo com afasia", Dissertação de Mestrado em Arte, Universidade de Brasília, 2004.

_____. "Janelas expressivas", in BARBOSA e AMARAL (2008), pp. 135-155.